

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”

Irmãs e irmãos queridos, que todas e todos vocês estejam em paz!

Chegamos ao quinto domingo da Páscoa, e ao longo do caminho do renascer espiritual, para o qual somos chamados exemplarmente no Tempo Pascal, deparamo-nos com a passagem joanina que nos leva a ver Jesus como caminho, verdade e vida, cujo episódio bíblico faz parte do seu longo discurso na última ceia, noite que antecedeu o seu martírio e crucificação. Chama-nos a atenção, o Cristo Jesus, para a morada celestial universal, mas para que a acessemos faz-se necessária a evolução espiritual para qual viemos a este mundo, seguindo seus ensinamentos.

Vejamos, então, a passagem em tela e depois reflitamos juntos sobre ela.

1“Não se perturbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. 2Na casa de meu Pai há muitas moradas. Não fora assim, e eu vos teria dito; pois vou preparar-vos um lugar. 3Depois de ir e vos preparar um lugar, voltarei e vos tomarei comigo, para que, onde eu estou, também vós estejais. 4E vós conheceis o caminho para ir aonde vou.” 5Disse-lhe Tomé: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?”. 6Jesus lhe respondeu: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. 7Se me conhecêsseis, também certamente conheceríeis meu Pai; desde agora já o conheceis, pois o tendes visto”. 8Disse-lhe Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta”. 9Respondeu Jesus: “Há tanto tempo que estou convosco e não me conhe­ceste, Filipe! Aquele que me viu viu também o Pai. Como, pois, dizes: Mostra-nos o Pai... 10Não credes que estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que vos digo não as digo de mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, é que realiza as suas próprias obras. 11Crede-me: estou no Pai, e o Pai em mim. Crede-o ao menos por causa dessas obras. 12Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço, e fará ainda maiores do que estas, porque vou para junto do Pai. 13E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, vo-lo farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. 14Qualquer coisa que me pedirdes, em meu nome, vo-lo farei. (Jo 14,1-12)

Imaginem o cenário com um grupo de pessoas acuadas, aflitas, cheias de questionamentos, dúvidas e medo, ao verem o seu mestre que realizara muitos sinais demonstrando a todos os que o acompanharam que era o filho de Deus, sendo perseguido e na eminência de ser preso e possivelmente, pelas leis romanas, condenado à morte. Se isso de fato ocorresse, seria Ele, realmente, o Deus vivo entre os homens? Salvar-se-ia das agruras e da própria morte eminentes, já que Ele era o próprio Deus vivo? E caso partisse, como eles ficariam, quem os defenderia por terem seguido uum condenado do estado?

Em meio à tal situação e a esses questionamentos e temores, Cristo Jesus inicia sua fala exortando-os a não se perturbarem, pois estavam diante do próprio Deus vivo e, acima de tudo, que tivessem a certeza de que na casa do Pai há muitas moradas.

Vejam que, em momento algum, Jesus consolou seus apóstolos com a tranquilidade mundana, com a possibilidade de defesa física contra seus inimigos, longe de prometer aos presentes temorosos que eles não passariam por sofrimentos, provações e perseguições aqui na terra. Porém, mais uma vez, com outras palavras, dissemina a sua verdadeira paz, não a paz deste mundo, mas a tranquilidade de lidar com as dificuldades e agruras na certeza da possibilidade do encontro com o Criador.

Quando Jesus afirma a existência de “muitas moradas” na casa do Pai, muitos a interpretam sob a ótica do pluralismo religioso, tomando por base a possibilidade dos diversos caminhos, desde que seguidos com amor ao próximo e voltados para o bem, levarem em direção à casa do Pai. Por outro lado, os mais radicais exclusivistas, defendendo fervorosamente que o único caminho que leva a salvação é por intermédio da Igreja de Cristo, visualizando a possibilidade de todos que seguirem Cristo Jesus estarem, em algum momento, junto da trindade santíssima, no Reino de Deus. Outros, na crença da graça santificante pré-estabelecida a um povo escolhido, imaginam a chegada desse povo à morada do Pai, no fim dos tempos.

Não pretendo, neste momento, travar uma discussão sobre a teologia das religiões, especialmente sobre a amplitude salvívica de Deus que, na verdade, é único, onipresente, em todo tempo e lugar, limitado e restrito pelas tradições religiosas, infelizmente, por meio de abordagens limitadas e finitas do homem. No entanto, há um eixo comum entre todas essas linhas, o cotidiano de cada um que justifique o seu caminhar em direção ao Reino.

Conhecendo ou não Jesus Cristo, crendo nele ou não, o básico está em como vivemos para que este desejado caminho seja seguido e a possibilidade de obtenção da verdadeira e plena paz seja conseguida. Aos que nascem no sudeste asiático ou na Índia, pouca chance têm de conhecer e muito menos de crerem em Jesus Cristo, ao contrario dos que nascem na Itália ou no Brasil. Imaginem os indígenas, então, ou os povos afastados e praticamente incomunicáveis com a nossa cultura cristã, o que seria deles? Seria um critério de salvação a mera geografia de nosso nascimento? Nosso Deus, quem cremos ser amor em essência, aprioristicamente, definiria os condenados já por seu nascedouro? Esse não é o meu Deus!!

De qualquer forma, as próprias palavras de Jesus nos apontam para o seguirmos, pois assim estaremos seguindo o próprio Pai que o enviou. Mas o que seria segui-lo, já que estamos há dois mil anos de distância de sua presença física? Seria conhecermos seus mandamentos, ou as sagradas escrituras de cor? Sinceramente, de que valeria esse mero formalismo? Creio que de nada! Conheço muitos ateus convictos que conhecem os livros bíblicos em mais detalhe do que a grande maioria dos cristãos, mas reconhecem as escrituras somente como um livro de ficção, um livro escrito por alguns para controlar muitos outros. Conhece-lo e recita-lo, apenas, não faz ninguém melhor ou pior, não transforma qualquer pessoa em verdadeiro cristão. Precisamos vive-lo! Viver as palavras de Jesus, transforma-las em realidade cotidiana.

Segui-lo como caminho, seguir sua verdade para obter a vida é praticar suas ações, é seguir sua trilha, é fazer o que Ele fez. É o que sempre destacamos, sermos seus reais discípulos, não apenas portadores de rótulos ou meros executores formais de práticas religiosas. As práticas são importantes como ajuda no caminhar coletivo, os rótulos são valiosos como identificadores que, associados à vivência, ajudam, pelo exemplo, a estimular outras pessoas a seguirem os mesmos caminhos.

Entretanto, estamos sempre em busca de sinais, de indicativos, de rótulos, imagens e respostas formais para que creiamos e visualizemos o “caminho certo”, necessitamos de placas e sinais para que nossa dúvida, normalmente associada ao medo, não nos imobilize e fiquemos estáticos diante das estradas da salvação.

No texto em tela, Tomé, o exemplo vais evidente que encarna os questionamentos e as dúvidas da humanidade, solicita luz de direcionamento, destacando o desconhecimento do verdadeiro caminho, e recebe como resposta que o próprio Jesus é o caminho, Ele é a verdade e a vida. Não em sua natureza física entre nós mortais, mas Ele enquanto exemplo, enquanto modo de vida, enquanto prática rotineira, enquanto ensinamento vivido. Seguir seus passos é realizar as suas obras, segui-lo é viver como Ele viveu, destacadamente, no desapego das coisas materiais, no amor ao próximo de forma indiscriminada e na defesa do bem comum.

Desapego não quer dizer ausência de bens, pois estaria automaticamente presente naqueles que são materialmente desprovidos. Desapego está ligado à importância e à prioridade estabelecidas em nossa vida. Não ter e sofrem por isso pouca diferença tem de possuir gananciosamente, pois ambos centralizam a importância, priorizando em sua vida o ter, divinizando a matéria.

A verdade “dita” por Jesus, muito mais vivida do que falada, representa o conjunto de ensinamentos que nos orienta e nos conduz até Deus. O testemunho da verdade, anunciado por Jesus como sua missão é dado com ensinamentos perenes que se sustentam em suas ações, em seu caminhar. Porém, para que vivamos essa Verdade, faz-se necessário que tenhamos fé, uma fé atuante, uma fé desbravadora, mobilizadora, uma fé que realiza e transforma, transforma-nos como pessoa e aqueles com os quais entramos em contato.

Minhas amadas e meus amados, o verdadeiro cristão, aquele que assume os ensinamentos de Cristo Jesus como o caminho, a verdade e a vida, não é reconhecido pelo rótulo que apresenta, pelo título que ostenta, pelas vestes que usa, ou pelo discurso que propala. Ele é reconhecido pelos seus atos amorosos, pela sua postura compassiva, pela sua bravura de enfrentar o mal e disseminar o bem, pela sua coragem de trilhar o caminho da honestidade, do desapego e da paz, com a não aceitação das injustiças, a inquietação diante das discriminações e a indignação diante da exploração de um irmão.

Não nos esqueçamos das palavras do próprio Cristo quando nos exortou para crermos n’Ele, pois se assim o fizéssemos, seríamos capazes de repetir as suas obras, e realizarmos até maiores, pois Ele está no Pai e o Pai está n’Ele, ou seja, apesar da divindade ter se feito carne, ela sempre se manteve e se manterá eterna, infinita, onipotente e onipresente, e os passos trilhados por Jesus Cristo estabeleceram o verdadeiro caminhar em direção ao Altíssimo.

Caminhemos com Ele pelo seu caminho, segundo a sua verdade, para que tenhamos, de fato, a sua vida.

Que o Espírito Santo nos mobilize e direcione os nossos passos, na busca desse caminho, dessa verdade e dessa vida.

Um fraterno abraço,

Revdo. Frei Milton Menezes